

## Um Espaço de Saudade: A Feira da Praça dos Namorados em Vitória/ES, na Memória de Seus Integrantes<sup>1</sup>

Eduarda Cricco Miranda Barcelos Gripp e Fabiana Florio Domingues

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo compreender a influência da construção e reconstrução das memórias a partir das narrativas dos sujeitos na ressignificação do espaço simbólico de uma feira de artesanato. Para tal, buscou-se articular conceitos relacionados à memória organizacional, cotidiano e espaço percebido. A etnografia foi usada como método de coleta e interpretação de dados, além das narrativas dos sujeitos que trabalham na feira há mais de 20 anos, expressas em trechos de diários de campo, elaborados seguindo a técnica de observação participante. Como resultado, evidenciou-se a existência de uma memória coletiva que influencia na percepção do espaço simbólico percebido da Feira de Artesanato e Artes da Praça dos Namorados, da cidade de Vitória/ES. Tal espaço percebido por seus sujeitos como espaço de amizade, cooperação, realização pessoal, espaço de liberdade e saudade, revela um tipo de interação que supera a materialidade física da feira, ampliando seu valor simbólico e mediando as práticas cotidianas nesse contexto organizacional. Este artigo contribui para a ampliação das discussões que envolvem memória organizacional, evidenciando, empiricamente, de que forma as lembranças e memórias influenciam a percepção do espaço organizacional, configurando relações construídas entre sujeitos e o espaço percebido.

### Palavras-chave

Memória. Cotidiano. Espaço Percebido. Etnografia. Feira.

### Abstract

The present paper has the objective of apprehending the influence of the construction and reconstruction of memories within the narrative of the subjects through the resignification of the symbolic space of a craft fair. Therefore, we sought to articulate concepts related to organizational memory, everyday life and perceived space. Ethnography was used as a method for collecting and interpreting data, besides the narratives of subjects who have

been working in the fair for more than 20 years, expressed in excerpts of research diaries, elaborated with the participant observation technique. As a result, it was found the existence of a collective memory that influences the perception of the perceived space of the craft and arts fair at the “Praça dos Namorados”, in Vitória/ES. For the subjects, that space meant affection, cooperation, achievement, liberty and nostalgia, reveling a kind of interaction that goes beyond the physical materialisation of the fair, expanding its symbolic value and mediating everyday practices within this organizational context. This paper contributes to more discussions that involve organizational memory, empirically evidencing how memories influence the perception of organizational space, configuring relationships built between subjects and perceived space.

**Keywords** Memory. Everyday Life. Perceived Space. Ethnography. Fair.

## INTRODUÇÃO

Na busca pela compreensão de fenômenos simbólicos que permeiam os diferentes *loci* da vivência humana, tem se debatido o tema memória, principalmente no campo da História, mas, também, ainda que de maneira desafiadora, no campo dos Estudos Organizacionais. O desafio depara-se na forma do funcionamento da Administração e encontra-se na amplitude da definição do conceito de memória (COSTA; SARAIVA, 2011). Este conceito se amplia quando se parte da premissa de que a memória está no presente, mas pertence ao passado (NORA, 1993), bem como na consideração de que o fenômeno não se dá apenas no âmbito de memórias individuais, mas também de memórias sociais e coletivas (HALBWACHS, 2006).

Além disso, outra concepção marcante para o fenômeno diz respeito ao fato de que a memória não é neutra: quando se fala em passado, fala-se em atribuição de valor àquilo que se lembra e àquilo que se esquece (COSTA; SARAIVA, 2011; ROWLINSON *et al.*, 2014). Dessa forma, considera-se que a memória é criada constantemente por meio das vivências dos sujeitos. Sujeitos estes que podem resignificar, a cada novo momento, as histórias do passado (NORA, 1993; HALBWACHS, 2006). Para Costa e Saraiva (2011), a memória ajuda o sujeito a sintetizar as coisas do mundo bem como criar e amparar uma realidade.

Essas diferentes concepções, formuladas a partir da subjetividade acessada pela memória dos sujeitos, têm importante papel na percepção do espaço simbólico. Dessa maneira, o espaço percebido, aquele associado à “realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida ‘privada’, dos lazeres)” (LEFEBVRE, 2006, p. 65), pode ser afetado alterando as relações entre sujeitos e os espaços físicos da cidade.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender a influência da construção e reconstrução das memórias a partir das narrativas dos sujeitos na ressignificação do espaço simbólico de uma feira de artesanato. Assim, esta investigação busca contribuir para a ampliação das discussões que envolvem memória organizacional, evidenciando, a partir de uma pesquisa de campo, de que forma as lembranças e memórias dos sujeitos podem influenciar a percepção do espaço organizacional, configurando uma relação construída entre os sujeitos e o espaço percebido da feira. Destaca-se, ainda, que esta pesquisa é derivada das articulações entre as problematizações realizadas em duas dissertações de mestrado acadêmico, sendo uma etnografia em uma feira de artesanato e a segunda, uma pesquisa sobre memórias relacionadas a um espaço simbólico, localizado na mesma cidade da feira.

A feira em questão faz parte do atrativo contemporâneo da cidade de Vitória no Espírito Santo, sendo considerada pelo poder público local como ponto de passagem obrigatório para turistas e visitantes da cidade, nas diferentes épocas do ano. Enquanto local de trabalho, é coordenada pela Secretaria de Turismo, Trabalho e Renda da Prefeitura de Vitória, proporcionando espaço de trabalho para cerca de 209 expositores, sendo 159 de artesanato e brinquedos e 50 de alimentação (VITÓRIA [Município], 2013a; 2013b; 2013c).

A fim de interpretar o simbólico presente na feira de Artesanato e Artes da Praça dos Namorados, optamos pela utilização do método etnográfico, visto que este procura ler, “no sentido de construção de uma leitura” (GEERTZ, 1989, p. 7), buscando a compreensão ao verificar os comportamentos transitórios e modelados, sem julgamentos ou ideias pré-concebidas. Ademais, o método permite ao investigador, a partir de sua interpretação, reorganizar “dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo” (MAGNANI, 2002, p. 17), condizente ao estudo interdisciplinar em feiras, como propõe Mott (2000).

Compreender dinâmicas organizativas em feiras possibilita a ampliação do entendimento acerca das práticas organizacionais, promovendo reflexões a respeito do artesanato como forma de expressão cultural, permitindo ainda que estas sejam consideradas como ponto de observação alternativo para novos estudos (FIGUEIREDO; MARQUESAN, 2014). As feiras exercem certa atração aos visitantes de uma cidade, isto porque, segundo Mott (2000, p. 14), apresentam-se “como uma espécie de vitrine da produção local, do artesanato, da população, da cidade, da região”. As feiras representam, ainda, lugares tradicionais e tradicionalmente populares, carregados de atividades com características diversas (FILGUEIRAS, 2006). Ferretti (2000) coaduna com tais descrições, ao afirmar que as feiras trazem consigo rico significado histórico e cultural, tornando-se, com frequência, atrações turísticas, principalmente por apresentarem aos visitantes, entre outras manifestações culturais da região, comidas típicas e artesanatos.

Em registros históricos, a primeira referência às feiras feita no Brasil é datada do ano de 1548. Não surpreende a menção tão remota, visto que a feira mais antiga de que se tem notícia na região onde hoje se situa Portugal data de 1125. Ou seja, os portugueses colonizadores já estavam acostumados ao tipo de comércio em feiras e mercados, uma vez que, em meados do século XV, estimava-se existirem no reino cerca de 95 feiras. Trazidas pelos portugueses,

as feiras no Brasil sofreram influência do modelo europeu e das feiras da costa africana, com as quais os portugueses estavam acostumados a negociar (MOTT, 1976).

Dessa forma, as feiras brasileiras podem ser percebidas em certa parte como herança da tradição ibérica, a qual, posteriormente, foi mesclada com práticas africanas e ainda como resultado de uma longa evolução dos mercados a céu aberto. As feiras constituem assim uma realidade no cotidiano das cidades, possibilitando ampliar-se seu entendimento no sentido de suas construções simbólicas e múltiplas apropriações (FERRETTI, 2000; FILGUEIRAS, 2006; MOTT, 2000; SOUSA, 2000).

Para melhor apreensão dos temas abordados, este artigo foi apresentado em quatro seções, além desta introdução. A seguir, a construção teórica que serviu de base para análise dos resultados, seguida dos caminhos metodológicos, apresentação do *locus* e sujeitos desta pesquisa, resultados obtidos e, por fim, as considerações finais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O campo dos Estudos Organizacionais notoriamente ampliou suas fronteiras nas últimas seis décadas. Essa ampliação se deu principalmente devido ao desenvolvimento de diferentes linhas de pesquisa no campo dos Estudos Organizacionais que privilegiaram a interdisciplinaridade. Ao longo desse período, os estudos permitiram, igualmente, uma maior fluidez nas diferentes maneiras de se estudar a ciência da Administração e as organizações (BURRELL, 1999; CLEGG; HARDY, 1999; SARAIVA; CARRIERI, 2007).

Nesse contexto, buscamos relacionar a dimensão conceitual que trata da memória (HALBWACHS, 2006; NORA, 1983; VEYNE, 2008) com a percepção do espaço socialmente produzido de Lefebvre (2006), respeitando a interdisciplinaridade dos temas, visão que procuramos atender ao longo desta investigação.

## **MEMÓRIA, NARRATIVAS E HISTÓRIA**

A fim de compreender diferentes formas organizativas, busca-se acessar seu passado, de maneira que o uso da história pelos estudos das organizações, segundo Rowlinson *et al.* (2014), tem sido cada vez mais significativo na área. Ao trazer perspectivas históricas para a Administração, estes autores ressaltam que o presente da organização é construído continuamente através da cultura e o passado é acessado por meio das narrativas. Assim, afirmam que, associado à narrativa, desenvolve-se o conceito de memória. A memória organizacional desenvolve-se como uma narrativa, e esta representa uma forma de organizar a seleção e interpretação do passado pelo sujeito (ADORISIO, 2014).

Costa e Saraiva (2011) destacam que a memória é uma temática desafiadora no campo dos Estudos Organizacionais. Ressalta-se que acessar elementos do passado não significa procurar ou encontrar uma verdade absoluta. Todavia, através da memória, buscam-se novas formas de pensar o passado com base nas narrativas pontuais dos atores envolvidos a fim de

se compreender determinado objeto no presente (BARROS; CARRIERI, 2015).

O debate sobre memória pela Administração torna-se uma opção interessante no campo dos Estudos Organizacionais com o intuito de entender o que se lembra ou o que se esquece nas organizações (COSTA; SARAIVA, 2011). Rowlinson *et al.* (2014) afirmam que o processo de lembrar e esquecer é seletivo, consciente ou inconsciente. Estes autores também reforçam que os estudos de memória social têm interface com os estudos organizacionais e possuem foco nas narrativas do passado de organizações, além disso, estão em crescimento.

Ybema (2014) corrobora esse pensamento ao afirmar que, na medida em que o passado é irrecuperável, a história é inevitavelmente um ato interpretativo e uma construção narrativa. Para o autor, estudos de história viva recorrentemente mostram que as narrativas do passado das pessoas tendem a ser altamente seletivas e, muitas vezes, uma versão dos fatos históricos, descrevendo o passado do ponto de vista atual.

Como a memória não é una, ela é social e coletiva, o desafio é trazer à tona registros silenciosos ou até mesmo não óbvios, porém, tão legítimos e importantes quanto os registros mais evidentes. Em pesquisas sobre memórias em organizações, ressaltam-se algumas ponderações que, segundo Costa e Saraiva (2011), podem auxiliar tais pesquisas, como o fato de reconhecer que existe uma intencionalidade nos registros, visibilizar possibilidades de fragmentações do campo da memória, admitir que existem diferentes visões dos atores envolvidos e contestar a objetividade de informações vindas do passado.

É possível dizer que existe uma forte conexão entre narrativas e memórias. A prática de contar histórias dá-se através da linguagem: assim, a linguagem também passa a ser um relato. Dessa maneira, a narrativa faz o que a historiografia pratica e a antropologia reforça (CERTEAU, 2014). Entretanto, Ybema (2014) afirma que reflexões de um passado coletivo têm pouco ou nada a ver com a historiografia: por tratar-se da história contada e influenciada por aquilo que se lembra e se esquece passa a ser uma reconstrução dos fatos, criativa e remontada a partir das vivências de seu autor.

Compreendemos que a perspectiva de Certeau (2014) vai ao encontro do entendimento de Ybema (2014) ao destacar que tanto o relato quanto a linguagem fazem parte da arte de dizer. A arte de dizer, por sua vez, decorre da arte de pensar e fazer. Dessa forma, pode-se dizer que estas são características da narrativa. Ressalta-se que o ato de narrar não é o mesmo que descrever, daí a importância científica de narrar uma história. A narrativa, por sua vez, é um saber-dizer, isso significa que é o encadeamento entre a história que foi vivida e a história que está sendo narrada. Nesse sentido, a narrativa atribui à história um aspecto de ficção, como foi algo ocorrido no passado, é a memória fazendo uso de sua autoridade (CERTEAU, 2014).

Nora (1993) também discute a diferença entre memória e história. Para este autor, a memória refugia-se em dado momento da história; assim, segundo o autor, ocorre uma ruptura de equilíbrio de um passado que já está morto com o que ainda permanece vivo, como as tradições, os costumes. A memória produz sentimento de continuidade e, segundo o autor, pode-se admitir que ela não existe mais: o que existe são meios de produzir a memória. A

história trata do relativo, é universal: é de todos e de ninguém. Enquanto a memória é a vida transportada pelos grupos que ainda vivem, a história é uma constante reconstrução do que não mais existe (NORA, 1993).

Segundo Halbwachs (2006), a memória refugia-se em um determinado momento no tempo e funciona como um elo entre passado e presente. Costa e Saraiva (2011) corroboram esse entendimento ao argumentar que é este o elo que atribui importância de uma função social do passado, quando os fatos são processados em função das necessidades do presente. O tempo traz a necessidade de se ter a memória e, através dela, ver a criação, construção e reconstrução dos significados (IPIRANGA, 2010). De acordo com Halbwachs (2006), o grupo social e suas diversas atividades guardam relação com o lugar onde partilham as diferentes experiências.

Para Halbwachs (2006), essas lembranças podem ser tanto produzidas por um indivíduo quanto por outro, ou seja, não é necessário que um indivíduo esteja presente de forma material para se lembrar de algo. Dessa forma, pode-se afirmar que as lembranças são coletivas, mesmo que o fato esteja associado a apenas uma pessoa (HALBWACHS, 2006). Por essa razão, lembranças antigas podem adaptar-se às percepções que se tem no presente, a partir do momento em que se relembra de algo através do outro (NORA, 1993).

Na concepção de Veyne (2008), história e memória estão intimamente ligadas. A história não tem o poder de reviver o passado, mas tem o poder de evocá-lo através das narrativas de memórias. Este autor se aproxima das ideias de Certeau (2014) quanto à importância científica, quando ressalta que a história é uma atividade intelectual. Dessa forma, a memória atua em um terreno intermediário entre a historiografia e a antropologia (CERTEAU, 2014), aplicáveis também no campo dos Estudos Organizacionais, buscando entender as práticas dos sujeitos no cotidiano das organizações (BARROS; CARRIERI, 2015), como será problematizado na próxima seção.

## **MEMÓRIA, COTIDIANO E ESPAÇO PERCEBIDO**

A prática cotidiana aproveita-se da memória como meio transformador de lugares através das projeções simbólicas e também através das narrativas. Certeau (2014) considera a narrativa inseparável da prática e, ao mesmo tempo, condição de sua produção. Dessa forma, a narratividade apresentar-se-ia como uma descrição da época, a qual se ajusta a uma possível realidade, produzindo um lugar e tempo próprios a seu locutor. Para o autor, a ocasião é o elo entre a memória e as práticas cotidianas, produzindo modificações no espaço e alterando a ordem local. Assim, a memória interfere diretamente nas práticas do sujeito, as quais se complementam e se reconstróem mutuamente, nas diferentes dimensões de sua vida social.

Em vista disso, pesquisadores do campo dos Estudos Organizacionais têm se mostrado cada vez mais preocupados em lançar olhares sobre a gestão ordinária – aquela realizada, muitas vezes, em negócios familiares, ou ainda na informalidade do sujeito autônomo – destacando a importância do dia a dia dos sujeitos, suas estratégias e práticas cotidianas (BARROS;

CARRIERI, 2015). Dessa maneira, a preocupação da história e sua relação com cotidiano podem ser úteis para a compreensão de processos de mudança organizacional (YBEMA, 2014).

Ao buscar a compreensão de aspectos simbólicos de um determinado tempo e espaço, pode-se relacioná-los às memórias e narrativas sobre determinado local em um determinado contexto espaço-temporal. Nesse sentido, Certeau (2014) aponta que a memória é marcada por encontros externos, ou seja, acontece na relação com o outro, podendo ser compartilhada no cotidiano dos sujeitos. Contudo, na prática, a memória não é organizada: o acontecimento a torna relativa, fazendo-a capaz de transformar determinada ocasião que ocorreu no passado. Ou seja, a memória exerce uma autoridade que permite alteração e transformação de um fato ocorrido. A relação entre as subjetividades dos sujeitos possibilita a criação de lugares antropológicos, espaços relacionais, ou seja, o lugar praticado e produzido ambigualmente a partir da relação do sujeito com o mundo, em sua existência espacial. Assim, é no cotidiano que reside a incessante transformação de lugares em espaços ou de espaços em lugares, relações mutáveis e, por vezes, contraditórias (CERTEAU, 2014).

Para Lefebvre (2006), o espaço percebido é aquele no qual a prática espacial surge guiada pela dimensão material da vida social, presente nas redes de interações do cotidiano. Tais interações possibilitam ainda a produção e reprodução de lugares determinados e agrupamentos espaciais próprios, promovendo uma continuidade que se assemelha a uma coesão. Permeado pela ação do sujeito, trata-se do lugar que reúne conhecimento a respeito da cidade e interações sociais e materiais entre os sujeitos, na prática da vida humana, conferindo a esse espaço finalidade e sentido próprio.

Segundo Guarinello (2004), o cotidiano é a condição da mudança, ou seja, o momento no qual o arcabouço social emerge do passado, produzindo seus efeitos e transformando o presente. Contudo, para o autor, “o presente que não é mera repetição do passado, [...] é como o vértice de uma tríade temporal que forma, com passado e futuro, o curso da história” (GUARINELLO, 2004, p. 26).

Nesse sentido, a ação cotidiana passa a ser percebida como um resgate do espaço e da individualidade do sujeito (CERTEAU, 2014), ainda que por meio da convivência em uma sociedade massificada. Essa ação, notada na prática espacial, surge guiada pela dimensão material da vida social, presente nas redes de interações do cotidiano, dá origem ao espaço percebido. Tais interações possibilitam ainda a produção e reprodução de lugares determinados e agrupamentos espaciais próprios, promovendo uma continuidade que se assemelha a uma coesão (LEFEBVRE, 2006).

Entretanto, captado pelos sentidos, este é o espaço visto antes de concebido (LEFEBVRE, 2006), fruto “do casamento da sociedade com a paisagem” (SANTOS, 1988, p. 25) em suas práticas cotidianas. Para Lefebvre (2006), equivale a dizer que o espaço não existe em si mesmo, uma vez que estaria associado à realidade social, ou seja, o espaço é produzido socialmente, possibilitando um entrelaçamento entre os conceitos de espaço e tempo, representado na simultaneidade na realidade social. Tal afirmação, contudo, não significa dizer que espaço e tempo são fatores unicamente materiais, podendo ser entendidos,

portanto, como aspectos constituintes da realidade social.

O espaço pode ser, ao mesmo tempo, abstrato e real, concreto e instrumental, e igualmente transcender a própria instrumentalidade (LEFEBVRE, 2006). Enquanto produtos sociais, o autor entende espaço e tempo como resultado e pré-condição da produção da sociedade. Isso significa dizer que espaço e tempo não existem de maneira universal, só podendo ser entendidos em uma sociedade específica, de acordo com determinado contexto. Portanto, tal compreensão só se torna possível a partir de uma análise não apenas relacional, mas também histórica, levando-se em conta fatos, conflitos relevantes e relações de poder em cada situação.

Nesse sentido, segundo Certeau (2014), a memória é um saber que não se separa do tempo, ou seja, é gerada através de momentos e coisas heterogêneas, não pertencendo a nenhum lugar. Dessa forma, a memória revela-se na ocasião, num determinado momento oportuno e, assim, acontecem as práticas cotidianas. Não obstante, as narrativas funcionam como uma arte de contar histórias ou a arte de dizer.

Lefebvre (2006) chamou as redes de interações presentes no cotidiano de prática espacial captada através dos sentidos, relacionada aos elementos materiais que constituem o espaço. Essa prática espacial pode ser entendida como a dimensão material da vida social. Abrange ainda produção e reprodução de lugares determinados e agrupamentos espaciais próprios, vistos em cada formação social, promovendo a continuidade numa aparente coesão. Assim, o espaço percebido é aquele que se pode ver antes de conceber a partir da prática espacial da vida cotidiana, relacionado aos elementos materiais que constituem o espaço (LEFEBVRE, 2006).

Ao se mostrar histórico e ao mesmo tempo relacional, o espaço percebido pode ser acessado a partir da memória de seus sujeitos, alterando ainda a percepção e relação com o cotidiano. Assim, as lembranças coletivas destacadas por Halbwachs (2006) configuram-se na tentativa de se resgatar no tempo e espaço um determinado dado que pode ser abstrato ou não. O resgate de lembranças no tempo e espaço pode ser de fatos de um passado em comum de um grupo, por componentes desse grupo que compartilharam ou não do mesmo fato. Neste caso, o acontecimento em si é o menos importante. Para que as lembranças sejam comuns, essas pessoas, em um determinado tempo, teriam que ter um envolvimento comum, com um mesmo propósito. Contudo, pode ocorrer de uma pessoa lembrar e outra não lembrar, situações vividas em conjunto devido ao grau de importância atribuído àquele fato ou evento (HALBWACHS, 2006).

Nesse contexto, buscamos resgatar a memória dos sujeitos que convivem há anos numa feira de artesanato, conforme expostos nas próximas seções.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Nesta investigação, a fim de responder a questão aqui proposta, optamos por uma estratégia de pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que esta se mostra mais apropriada ao levar

em conta elementos como subjetividade e validade conceitual (TRIVIÑOS, 1987), considerando a riqueza propiciada pela realidade social (MINAYO, 2013). A decisão pela etnografia veio por reconhecer que o método possibilita priorizar o cotidiano das ações, permitindo a interação e relação com os sujeitos em campo, facilitando um entendimento maior que uma simples descrição de atividades rotineiras, o que proporciona a construção de interpretações entre o pesquisador e o campo (CAVEDON, 2008; YANOW, 2012).

Buscamos a memória dos sujeitos que emergiram do material etnográfico produzido pela pesquisadora inserida em campo, articulando, assim, dados etnográficos e históricos (YBEMA, 2014). Consideramos, assim como Jovchelovitch e Bauer (2002), que as narrativas sobre histórias que ocorreram no passado conservam, de forma autêntica, visões de mundos particulares, mas que são compartilhadas através de uma realidade social.

A construção dos dados de campo deu-se entre os meses de março e outubro do ano de 2015, período no qual uma das pesquisadoras, Mônica, permaneceu na feira, junto aos expositores, fazendo uso da técnica de observação participante (SERVA; JAIME JUNIOR, 1995). A observação participante foi vivenciada durante seis meses nos mesmos dias e horários de funcionamento da feira – sábados, domingos e feriados, entre as 17:00 e 22:00, aproximadamente. Nesse período, a pesquisadora oferecia-se para ajudar os expositores em troca de conversa (e informações), carregava produtos, montava barracas, instalava luminárias, carregava gelo, armava as tendas usadas para proteger os clientes da chuva, o que fosse preciso. Na medida em que as observações foram acontecendo, a pesquisadora tornava-se conhecida entre os expositores e, dessa forma, sua presença constante era percebida e aceita por eles.

Por vezes, ao atuar como trabalhadora na feira, Mônica chegou a ser confundida com os feirantes, passando por situações nas quais o freguês preferia pagar o produto a ela a pagá-lo ao expositor, dono da barraca. Situações como essas, que poderiam gerar desconforto na relação pesquisadora/pesquisado, acabaram por estreitar ainda mais a ligação entre eles. Dessa maneira, apropriar-se da técnica da observação participante, mantendo uma postura etnográfica, permitiu profundo envolvimento com o campo, ou seja, “a postura de entender o mundo do ‘Outro’ em todas as suas dimensões, mergulhar naquela realidade” (CAVEDON, 2014, p. 78).

Destacamos ainda que todos os trabalhos realizados foram feitos voluntariamente, obtendo em troca apenas informações e conversa. Algumas vezes, a pesquisadora em campo oferecia seus serviços; noutras, era convidada pelos próprios expositores a trabalhar nesta ou naquela barraca. Certa noite, uma vendedora de doces abordou Mônica e perguntou: “Você não vai conversar comigo? Também quero fazer parte de sua pesquisa!” (DIÁRIO DE CAMPO, 05/09/2015). Assim, seguindo o fluxo do campo, cada dia na feira resultava em registros dos dados percebidos e vivenciados. Esses dados de campo expandidos permitiram a elaboração de 40 diários densos e detalhados (CAVEDON, 2008).

À época, a pesquisadora em campo buscou adaptar suas rotinas pessoais, o que a aproximou ainda mais da vivência de seus informantes, corroborando os ensinamentos de Cavedon (2014, p. 65), a qual afirma que “Fazer etnografia significa viver a cultura a ser pesquisada

no seu dia a dia [...] estabelecer relações afetivas com os informantes [...] realizar uma viagem científica [...] quanto mais aberto para as experiências e vivências, mais ricos serão os seus dados”. Para Mônica, a aproximação com o cotidiano dos pesquisados possibilitou conquistar confiança mútua entre pesquisadora e pesquisados.

Após a coleta de dados, as autoras trataram o material produzido de forma conjunta, de forma interpretativa, operando a articulação de duas dimensões centrais: memórias dos sujeitos e espaço percebido. As memórias foram captadas durante o trabalho de campo a partir das narrativas construídas pelos diferentes sujeitos sobre o passado da feira. O espaço percebido foi captado a partir da interpretação dos diários de campo e da relação entre o espaço físico da praça e o espaço simbólico da feira.

Na próxima seção, apresentaremos o campo, os sujeitos pesquisados e os dados obtidos.

## **A PRAÇA, A FEIRA E SEUS SUJEITOS**

Para a cidade de Vitória, Espírito Santo, a Praça dos Namorados é considerada um ponto turístico; sua localização permite uma visão privilegiada da Terceira Ponte, cartão postal que liga a capital à cidade de Vila Velha, além de estar em frente à marina do Iate Clube do Espírito Santo. A praça é também uma opção de lazer ao ar livre, com áreas de passeio, brinquedos para as crianças, quadras de esportes, pista de skate e patinação, além de estar de frente para o mar. Às noites, durante os fins de semana e feriados, das 17 às 22 horas, é o local onde se instala a Feira de Artesanato e Artes na Praça.

A praça que abriga a feira fica no bairro Praia do Canto, considerado, segundo a prefeitura municipal, uma das regiões com melhor infraestrutura da cidade, com atividade de comércio e serviços. Para seu funcionamento, a feira utiliza uma área de 5.901,94m<sup>2</sup>, cerca de 50% da extensão da praça (VITÓRIA [Município], 2015). A feira proporciona a existência de um comércio popular, oferecendo aos seus clientes alimentação, lazer e artesanato, com 209 expositores, sendo 159 de artesanato e brinquedos e 50 de alimentação, recebendo semanalmente entre 5.000 e 8.000 visitantes (VITÓRIA [Município], 2013a).

O quadro 1 caracteriza os sujeitos cujas narrativas foram selecionadas para esta pesquisa. O critério de seleção deu-se a partir da antiguidade dos informantes na feira. A fim preservar sua identidade, destacamos que os nomes apresentados são fictícios.

Assim, a feira de artesanato e artes da Praça dos Namorados pode ser caracterizada como um espaço de interação social e de produção de sentido, bem como de sociabilidades conflituosas entre seus sujeitos. Nesse sentido, o espaço deixa de ser objeto e passa a configurar-se como resposta da ação da subjetividade humana no mundo, ou seja, a ação do simbólico (CHANLAT, 1996). Essa ação do simbólico, revelada na intersubjetividade dos diferentes sujeitos da feira, abre caminho a múltiplas possibilidades de articulação entre memória e espaço da Praça dos Namorados, conforme evidenciado a seguir.

**Quadro 1 - Apresentação dos sujeitos de pesquisa**

Nome	Tempo na feira	Atividade	Categoria
Martha	8 anos	Coordenadora	Prefeitura
Lucinda	20 anos	Expositor	Decoração
Deise	23 anos	Expositor	Vestuário
Carlos	25 anos	Expositor	Alimentação
Roberto	26 anos	Trabalhador	Montagem
Flores	27 anos	Expositor	Decoração
Marisa	28 anos	Expositor	Alimentação
Jonas	30 anos	Expositor	Artesanato
Pedro	40 anos	Expositor	Vestuário

Fonte: Dados de pesquisa

## UM ESPAÇO DE SAUDADE NA MEMÓRIA

O espaço da feira é percebido, por expositores e visitantes, como um espaço de amizade, cooperação, realização pessoal, um espaço de liberdade e saudade. Segundo Lefebvre (2006), o espaço percebido é entendido como a dimensão material da vida social, de interações e enlacs do cotidiano, a qual se apresenta como uma continuidade aparentemente coesa, captada pelos sentidos humanos.

O espaço físico ocupado pela Feira de Artesanato e Artes na Praça chama a atenção, especialmente, por estar localizado num bairro considerado, pela prefeitura e moradores, “nobre”, próxima a hotéis e pontos turísticos, além de ter tradição de quase 30 anos, diversidade de produtos e algumas comidas típicas que representam a região. Contudo, as informações a respeito do início oficial da feira são desconstruídas, segundo um informante que está na feira há 23 anos – além de outros expositores igualmente antigos no local – a feira passou a ser reconhecida pelo poder local no Governo de Hermes Laranja Gonçalves, o qual se deu entre 1986 e 1988. A ideia teria partido da intenção do então prefeito em aproveitar um ponto turístico da cidade, levando ao local artesanato e comida típicos da região aos visitantes.

A falta de documentos sobre o início das atividades na feira dá-se, principalmente, porque aconteceu, há cerca de sete anos, um incêndio na Secretaria de Cultura – responsável pela manutenção desses comprovantes – consumindo, entre outros documentos, os registros oficiais do local. Interessadas em ouvir das pessoas histórias relacionadas à origem da feira, buscamos diretamente com os expositores envolvidos seus relatos, identificando principalmente aqueles que já trabalham na feira há mais de 20 anos. Pedro, um dos expositores mais antigos, que se autodenomina “fundador da feira”, fala ao contar como a feira começou:

A gente se juntava lá na Praça Getúlio Vargas pra vender nossas coisinhas [...] eu era motorista de ônibus, mas o dinheiro não dava, tinha três crianças pequenas pra cuidar, tinha que arranjar outra coisa pra fazer. Lá era tudo meio assim, sozinho, a gente mesmo fazia as coisas, ninguém se importava com a gente [referindo-se à prefeitura]. Depois colocaram a gente aqui, foi ideia do Hermes Laranja, sabe, né, ele gostava da feira, ele que fez tudo isso aqui. Muita gente já tentou tirar a gente daqui, antes, né [...] agora ninguém tira mais (Pedro, diário de campo, 16/05/15).

Essa feira existe há uns 40 anos, mas foi o Hermes Laranja que trouxe ela pra cá, a ideia foi dele, lugar bonito, ele quis aproveitar. Naquele tempo, a feira era valorizada, a cidade inteira vinha aqui, podia até tá chovendo que o povo vinha, não tinha essa não (Deise, diário de campo 07/03/15).

A Praça dos Namorados, a feira da Praça dos Namorados, ela começou com uma feira espontânea, na Praça Getúlio Vargas, no centro de Vitória [...]. E aí, da Praça Getúlio Vargas também, em um dado momento, acabou que a feira deve ter crescido, né, então ela foi transferida para a Praça dos Namorados. Então ela ficou na Praça dos Namorados alguns anos, depois que foi institucionalizada, pelo menos que foi abraçada pelo poder público no sentido de gestão, foi pra Praça dos Namorados [...] Então, é isso assim (Martha, entrevista 02/04/15).

Cada um, a seu modo, acabou por narrar histórias muito semelhantes, aproximando-se daquela contada por Martha, coordenadora da prefeitura, responsável pelo Programa Artes na Praça. Nesse caso, tanto Deise quanto Martha não viveram a situação relatada de início das atividades da feira, da maneira como Pedro as viveu, contudo, elas utilizam as lembranças dele e de outros para contar o mesmo evento. Segundo Nora (1993), trata-se de um mecanismo que se apropria do testemunho das experiências vividas por outras pessoas. Para que essa lembrança acessada através da memória de outro faça sentido, é necessário haver um ponto de contato entre os sujeitos, ou seja, estar relacionada ao interesse comum em determinado acontecimento (HALBWACHS, 2006), uma memória coletiva, pertencente a esse grupo que tem a feira em comum em suas vidas. Sendo assim, no caso estudado, é possível acompanhar a aproximação dessas narrativas, as quais, articuladas, compõem uma espécie de memória coletiva da feira, na qual estão presentes diferentes elementos simbólicos compartilhados.

O relato de Deise revela ainda a percepção de que, atualmente, a feira não seria mais valorizada como fora no passado. Uma aparente saudade de um tempo no qual a feira se situava, na visão dos expositores e visitantes, como um espaço importante para a cidade, fazendo com que as pessoas se dirigissem a ele mesmo em dias chuvosos. Nesse sentido, a saudade configura-se como categoria êmica, evocada pelos próprios entrevistados quando se referiam ao espaço de tempos idos. Em outras falas, Carlos e Jonas contam da infância vivida na feira, o que influenciou a decisão de tornar a feira sua opção de trabalho, seguindo os passos de pais e amigos, influenciados por lembranças agradáveis que tiveram em tenra idade.

Eu trabalho na feira desde os nove anos. Um vizinho me trazia pra ajudar a montar as barracas. Quando ele não me trazia, eu ficava doente, queria vir pra feira, eu

adorava isso aqui, entende? Aí eu cresci e não sabia fazer outra coisa. Até trabalhei fora da feira por um tempo, mas não me acostumei, senti falta das pessoas, de tudo aqui. Hoje trago a minha filha (Carlos, diário de campo 07/03/15).

Meu pai começou lá na Getúlio Vargas, depois veio pra cá e eu vinha com ele, ajudava a fazer e vender as bolsas, igual essa criançada que tem aí, eles trazem, porque nem têm com quem deixar. Minha família toda trabalha na feira, minha irmã tem uma barraca logo ali na frente, isso aqui é minha vida (Jonas, diário de campo 09/05/15).

Para Carlos e Jonas, a feira é percebida como um espaço familiar, o qual eles frequentavam quando criança e para o qual, hoje, podem trazer seus filhos, revivendo, cada um a seu modo, experiências do passado. Jonas ainda atribui à feira um significado maior que apenas seu local de trabalho ao declarar “isso aqui é minha vida”. Há, entre esses sujeitos, uma relação estabelecida com o espaço da feira, fazendo com que eles atribuam características pessoais e sociais vindas de suas vivências na feira.

Ao recorrerem às lembranças de infância, Carlos e Jonas recontam suas histórias, reconstruções constantemente recriadas por seus interlocutores, nas quais lacunas de memória e as próprias lembranças são preenchidas ou transformadas à luz de percepções e significações contemporâneas. Para Nora (1983), é essa tentativa de construir uma verdade ampliada que confere à memória sua dimensão cognitiva. Apesar dos fatos estarem historicamente situados no passado, eles são recriados no presente, e, por conseguinte, podem ser lembrados de forma diferente ao longo do tempo (ADORISIO, 2014), possibilitando que a história seja remodelada para celebrar ou esquecer práticas e pessoas do passado, “uma reconstrução criativa editada em retrospectiva” (YBEMA, 2014, p. 497, tradução nossa).

Há ainda uma preocupação entre alguns sujeitos da feira, de que sua história se mantenha viva, ainda que repleta de imprecisões e descontinuidades, o que evidencia componentes relacionais e sociais presentes no cotidiano dessas pessoas. Em meio a elas, está Lucinda, a qual, entre suas atividades na feira, já fez parte de uma associação de expositores extinta em 2004 e substituída pela atual. Na opinião dela, é importante que a história não se perca; por isso, pensou então em fazer um documentário sobre o passado da feira:

Tive a ideia de fazer um resgate da história da feira, tenho umas fotos antigas, muitas anotações e documentos. Fui da Expoarte, a gente era uma associação preocupada com a feira, já trabalhei muito pra isso aqui não se perder. Só que desisti, queria fazer um documentário e resgatar a história da feira, não pedi dinheiro a ninguém, mas tudo sozinho fica difícil, ninguém tem vontade de fazer nada. É uma pena, vai tudo se perder, daqui a pouco os velhos, que nem eu, se aposentam, saem e não sobra mais nada (Lucinda, diário de campo 07/03/15).

Para Carlos, Jonas e Lucinda, a feira é percebida como um lugar relacional, histórico e pessoal, maior que a própria feira, ou seja, um espaço no qual a materialidade do espaço físico ultrapassa a lógica objetiva, atribuindo-lhe identidade relacional e histórica. Assim, a prática espacial, transformada pela vivência do sujeito, confere a este uma leitura particular do mundo com base em seu cotidiano, mas também de suas lembranças. Para Certeau (2014,

p. 149), “A memória mediatiza transformações espaciais”, de forma que espaço e tempo interferem um no outro mutuamente. Segundo o autor, a memória nasce da circunstância e perde-se no tempo, transformando-se em lembrança.

Essa transformação espacial em algo maior que a simples existência de uma feira de artesanato pode ser verificada na fala de Flores, uma sorridente senhora de 72 anos que perdeu completamente a visão do olho esquerdo e parcialmente do olho direito. Apesar dos problemas de saúde, Dona Flores não abre mão de ir trabalhar todos finais de semana, ainda que acompanhada por sua filha.

No passado, a praça tinha mais grama e as barracas ficavam numa fila só, tudo em cima de uma pequena calçada que tinha. A gente trabalhava aqui no sábado e no domingo na Praça dos Desejos. Depois da reforma que ficou assim do jeito que tá agora, mas eu gosto daqui, isso aqui representa tudo pra mim, uma conquista, estou no cartão postal de Vitória. Se não venho, fico doente (Flores, diário de campo 28/03/15).

Dona Flores, assim como outros expositores que compartilham as mesmas práticas espaciais, conferem à feira uma interpretação própria, mediada por suas subjetividades e representações em ação. Para ela, não ir à feira trabalhar pode significar a perda da saúde, não fisicamente, mas em termos simbólicos. Para Lefebvre (2006), essa representação é o resultado da articulação social e simbólica do espaço construído. Dessa maneira, a apropriação do espaço da praça pela feira possibilitou a esses sujeitos atribuir à praça características pessoais e sociais de identificação, frutos da interação dessas pessoas com esse espaço. Uma materialização do processo da prática espacial, possibilitando que esses sujeitos recriem a praça, conferindo-lhe sentido próprio e particular, vinculado a suas histórias pessoais.

Em tom de nostalgia, muitos expositores, relembram como era a feira daquela época, que contava com muito mais expositores – cerca de 300 – e visitantes. Os negócios também eram vistos como melhores, pois a cidade não oferecia muitos lugares de compra e não havia os shoppings que se tem hoje. Muitos relatam a precariedade da época, que exigia mais criatividade aos trabalhadores que precisavam contornar as adversidades e, por consequência, mais companheirismo entre eles, conforme as lembranças de Carlos e Marisa: “Bem, no começo, a feira era muito precária, a gente não tinha luz aqui e tinha que trazer o lampião de casa. Foi só no ano 2000 a gente teve a ideia de puxar um fio de a luz do poste, utilizando, era uns 80m de fio, daí o pessoal pedia e a gente fazia o mesmo. Naquela época o pessoal era mais amigo, todo mundo se ajudava, porque a coisa não era assim que nem tá hoje, não tinha nada disso aqui, tinha que se ajudar mesmo” (Carlos, diário de campo 19/07/15).

Eu tô na feira há 28 anos, mas, no começo, eu vinha só ajudar a minha irmã e acabava ajudando outras pessoas também, eu não trabalhava só com ela. A gente era tudo amigo, todo mundo se ajudava, a gente não queria ganhar dinheiro sozinho, a gente sabia que todo mundo aqui precisava, não era essa concorrência que é hoje. Hoje parece que o outro quer que você morra pra ele vender sozinho (Marisa, diário de campo 07/09/15).

Para Carlos e Marisa, o passado exigia mais cooperação e amizade entre os expositores por compartilharem das mesmas dificuldades, revelando que a realidade atual permitiu o aumento da concorrência e individualidade entre os expositores. Os momentos difíceis compartilhados remetem ao espaço de saudade, o que não só traz recordações, como emoções e imagens do passado. Um simbolismo que possibilita uma compreensão das articulações não convencionais na organização (SARAIVA; CARRIERI, 2007) da própria feira. Fenômeno que valida a construção do espaço percebido, numa análise relacional e histórica (LEFEBVRE, 2006), permeada pela própria história de vida dos sujeitos na feira, na qual se fazem presentes não só conflitos e relações de poder, mas também alegrias e prazeres.

Nesse sentido, a Feira da Praça dos Namorados pode ser reconhecida como uma organização, fruto de uma construção simbólica, que, por suas conexões e diferentes interações com as práticas socioespaciais, vai além do local de trabalho para aqueles sujeitos. Além disso, permite a compreensão da interação social e material em uma produção ativa e social do espaço (LEFEBVRE, 2006).

O espaço material da feira da praça, a partir de seus sujeitos, converte-se em palco de suas representações, conforme caracterizado por Certeau (2014), o espaço enquanto movimento, vivo e em transformação. Ou ainda o espaço socialmente produzido de Lefebvre (2006), um espaço simbólico no qual se percebe a prática espacial. Um espaço também repleto de memórias, histórias e lembranças compartilhadas, marcadas por encontros externos na relação com o outro. Uma memória atual, manifesta pela vida simbólica, fruto da intersubjetividade do grupo que a compartilha. Experiências vividas no passado, mescladas àquelas experimentadas no presente, modificam a relação desses sujeitos com o espaço da praça e com a vida na feira. A seguir as considerações finais deste estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao buscar compreender a influência da construção e reconstrução das memórias a partir das narrativas dos sujeitos na resignificação do espaço simbólico de uma feira de artesanato, este estudo buscou identificar, por meio da memória captada a partir das narrativas dos sujeitos da feira, a relação estabelecida por eles com o espaço simbólico da praça. Utilizamos, para isso, material etnográfico produzido pela pesquisadora em campo entre os meses de março e outubro de 2015, e tratado pelas autoras em uma análise de base interpretativa.

As narrativas captadas possibilitaram a compreensão a respeito de discussões contemporâneas no campo dos Estudos Organizacionais. Tal discussão crítica sobre o tema memória, dentro dos Estudos Organizacionais, possibilita a retomada de histórias ocorridas no passado de uma organização, considerando a construção social como fenômeno que se modifica e se transforma no percurso histórico.

As memórias sobre a praça, captadas por meio das narrativas dos sujeitos relacionados na pesquisa, apresentaram-se como um espaço de amizade, cooperação, realização pessoal, um espaço de liberdade e saudade. O espaço percebido, apreendido a partir da interpretação dos

diários de campo e da relação entre o espaço físico da praça e o espaço simbólico da feira, possibilitou a identificação da relação entre essas pessoas e a feira, algo que a torna maior que apenas seu local de trabalho.

A partir das narrativas, evidenciamos a atribuição deliberada de significados que influenciam a dinâmica cotidiana das atividades, atestando que a “feira do passado” era melhor que a “feira de hoje”. Nesse sentido, na memória dos integrantes da feira, o passado é processado de uma forma subjetiva e seletiva, possibilitando que se esqueça de antigos problemas e conflitos, transformando esse passado reconstruído pela memória, melhor do que o presente. A feira do passado mostra-se viva na memória coletiva, mesmo daqueles que não a viveram em tempos remotos, aproximando-se do mecanismo destacado por Nora (1993) e Halbwachs (2006) no qual a memória se apropria do testemunho das experiências vividas por outras pessoas que pertencem a um determinado grupo, possível, neste caso, pois essas pessoas têm a feira em comum em suas vidas.

Nesse sentido, concluímos que os estudos de memória possibilitam a compreensão do espaço simbólico percebido. Ainda que memórias do passado tenham características como a inconsciência, a seletividade, a relativização, em função do presente. A memória não é única, ou seja, manifesta-se de forma coletiva e social, fruto da intersubjetividade do grupo que a compartilha. Ao considerar suas interações e conexões com as práticas socioespaciais, foi possível compreender a interação social e material em uma produção ativa e social do espaço. Dessa forma, um espaço social que se dá através da percepção da prática espacial, repleto de memórias, de histórias compartilhadas e marcadas pelas relações uns com os outros.

A contribuição deste artigo se dá ao demonstrar, empiricamente, que as lembranças e memórias influenciam a compreensão do cotidiano das organizações (formais ou informais), e na percepção do espaço simbólico, alinhado a outros estudos que exploram a temática. Ybema (2014), em suas investigações, demonstra como questões do passado, presente e futuro podem ser seletiva e estrategicamente introduzidas com a intenção de atender a interesses específicos. Assim, apontamos como possibilidade de estudos futuros, investigações em diferentes tipos de organizações, como, por exemplo, aquelas que se apropriam da própria história como artifício que incorporam em suas estratégias.

## NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em: jul. 2017. Aceito para publicação em: out. 2017.
- 2 Nome fictício.
- 3 A Praça Getúlio Vargas fica no Centro da Cidade, há quase três quilômetros da Praça dos Namorados, região portuária de Vitória/ES.
- 4 A Praça dos Desejos está localizada próxima à Praia de Santa Helena, há 650m da Praça dos Namorados, porém, com uma extensão menor para colocação das barracas da feira.

## REFERÊNCIAS

- ADORISIO, A. L. M. Organizational remembering as narrative: “Storying” the past in banking. *Organization*, v. 21, p. 463-476, jun. 2014.
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *RAE*, v. 55, n. 2, p. 151-161 abr. 2015.
- BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogias da análise. In: CLEGG, S; HARDY, C.; NORD, W. R. (Org.). **Handbook de Estudos Organizacionais**, v. 1. **São Paulo: Atlas, 1999**. p. 439-462.
- CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- \_\_\_\_\_. Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In: SOUZA, E. M. (Org.). *Metodologias e análises qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. Vitória: EDUFES, 2014. p. 65-90.
- CERTEAU, M de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer / Michel de Certeau**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHANLAT, Jean-François. Por uma Antropologia da condição humana nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. v. 1. São Paulo: Atlas, 1996.
- CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introdução: organização e estudos organizacionais. In: CLEGG, S; HARDY, C.; NORD, W. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais**. v. 1. São Paulo: Atlas, 1999. p. 27-57.
- COSTA, A. S. M.; SARAIVA, L. A. S. Memória e formalização social do passado nas organizações. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 6, p. 1761-1780, 2011.
- FERRETTI, M. Feiras Nordestinas – Estudos e problemas. In: FERRETTI, S. (Org.). **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados. São Luis, Maranhão: Edições Universidade Federal do Maranhão/Proin-CS, 2000. p. 36-66.**
- FIGUEIREDO, M. D.; MARQUESAN, F. F. S. Artesanato, Arte, Design... Por que Isso Importa aos Estudos Organizacionais? **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 3, p. 127-143, 2014.
- FILGUEIRAS, B. S. C. *Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GUARINELLO, N. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2006.**

IPIRANGA, A. S. R. A cultura das cidades e seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-91, jan./fev. 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: 2006.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOTT, L. R. B. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. *Revista de História*, São Paulo, ano 27, n. 105, p. 81-106, jan./mar. 1976.

\_\_\_\_\_. Feira e mercados: pistas para pesquisa de campo. In: FERRETTI, S. (Org.). *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luis, Maranhão: Edições Universidade Federal do Maranhão/Proin-CS, 2000. p. 13-34.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROWLINSON, M. *et al.* Narratives and memory in organizations. *Organization*, jun. 2014.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Por que simbolismo organizacional no Brasil? In: CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S. (Org.). *Simbolismo organizacional no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2007.

SERVA, M.; JAIME JUNIOR, P. Observação participante pesquisa em administração: uma postura antropológica. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 64-79, jun. 1995.

SOUSA, A. M. A feira livre na Cohab: contatos iniciais com a realidade da feira do produtor rural em São Luís. In: FERRETTI, S. (Org.). *Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados*. São Luis, Maranhão: Edições Universidade Federal do Maranhão/Proin-CS, 2000. p. 67-96.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1997.

VEYNE, P. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 2008.

VITÓRIA (município). Prefeitura Municipal: Atrativos contemporâneos. Vitória: 2013a. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=pracadosnamorados>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Prefeitura Municipal: Secretaria de Comunicação. Vitória: 2013b. Disponível em: <[http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=sala\\_de\\_imprensa](http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=sala_de_imprensa)>. Acesso em: 07 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Prefeitura Municipal: Secretaria de Turismo, Trabalho e Renda. Vitória: 2013c. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br/semtre.php?pagina=noticias&idNoticia=14682>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Vitória em dados. Secretaria de Gestão Estratégica / Gerência de Informações Municipais. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/home.asp>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

YANOW, D. Organizational ethnography between toolbox and world-making. *Journal of Organizational Ethnography*, v. 1, n. 1, p. 31-42, 2012.

YBEMA, S. The Invention of Transitions: History as a Symbolic Site for Discursive Struggles over Organizational Change. **Organization**, v. 21, n. 4, p. 495-513, 2014.

**Eduarda Cricco  
Miranda  
Barcelos Gripp**

Mestre em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Programa de Pós-Graduação em Administração – Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1243225340328496>

**Fabiana Florio  
Domingues**

Doutoranda em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Mestre em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Vinculação: CEPEAD - Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - FACE/UFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7319313119448224>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4791-7070>.